

Movimento Kambeba: a resistência ao longo do tempo

São Paulo de Olivença AM

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



29



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

© UEA Edições – Manaus 2014

COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Rosa Acevedo Elizabeth Marin

EQUIPE DE PESQUISA

Glademir S. dos Santos PNCSA/PPGSCA-UFAM

Jailson Franco Aguiar PNCSA-UEA

Janilson Gonçalves Rubem PNCSA-UEA

Isabela do Amaral Sales MPF-AM / PPGDA-UEA

Otacir

EDIÇÃO DO FASCÍCULO

Jailson Franco Aguiar PNCSA-UEA

Janilson Gonçalves Rubem PNCSA-UEA

Glademir S. dos Santos PNCSA/PPGSCA-UFAM

Jesus Braga Kambeba Coordenador da OKAS/
OKOPAM

Eronildes de Souza Fermim Cacique Geral -
OKAS/OKOPAM”

CARTOGRAFIA E MAPA

Carolina Silva PNCSA-PPGSCA-UFAM

Jailson Franco Aguiar PNCSA-UEA

Janilson Gonçalves Rubem PNCSA-UEA

LEVANTAMENTO DE GPS

Eronilde de Souza Fermim Cacique Kambeba

Carina Marcelo Santa Terezinha

Jesus Braga Santa Terezinha, Coordenador da
OKAS/OKOPAM

FOTOGRAFIAS

Glademir S. dos Santos PNCSA/PPGSCA-UFAM

Jailson Franco Aguiar PNCSA-UEA

Janilson Gonçalves Rubem PNCSA-UEA

Jesus Braga Kambeba morador da cidade

Eronildes de Souza Fermim

PROJETO GRÁFICO

CASA 8



PARTICIPANTES DA OFICINA DE MAPAS

Lideranças: Euclides da Costa, Amarildes de Souza Gaia, Antonio Braga da Silva, Alzimar Nonato da Silva, Raimundo Bernaldo de Souza, Raimundo Negreiro Lauriano, Aldaiza Ramos Patrício, Raimundo Ramos Muraiare, Nibson Gonçalves, Júlio Fermin, Plácido Cassiano, Eronildes de Souza Fermin, Maria Zenaide Silva da Silva, José Jesus Seabra Braga, Diomar Garcia da Silva, Alcides Cassiano, Adélia Rabelo, Raimundo Marcelo, Izídio Rabelo, Gerson Sabino; Egberto Ramires, Elizabeth Batalha, Elney Pereira, Márcio Géneses, Raimundo Marcelo, Dazizio da Costa, Elizabeth Braga, Dalvací Ribeiro, Vitória Rabelo, Gelza Sebastião, Iara Fermin, Glaciana Fermin, Silvano dos Santos, Gláucia Rabelo, Júlia Fermin, Alan Fermin, Marilva Andrade, Damião Xavier, Plácido Rabelo.

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: movimento Kambeba – a resistência ao longo do tempo/ coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin ; equipe de pesquisa, Glademir S. dos Santos... [et al.]. – Manaus: UEA Edições, 2014.

12 p. : il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-315-2

1. Conflitos sociais. 2. Terras indígenas - AM. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade – Rio Cuieiras. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Santos, Glademir S. dos.

CDU 528.9:316.48(811.3)

Invasão de madeireiros e garimpeiros

“Na comunidade de São Raimundo do Universo no rio Solimões, perto da São Joaquim, vivem 12 famílias, no total de 102 pessoas. É um local dos Kambeba. Foi construída encima de um cemitério, onde estão enterrados potes com desenhos e ossos. A casa onde moro fica perto dos lagos. As pessoas que invadem os lagos são pessoas de fora e pessoas daqui da cidade, que foram derruba árvores de castanha, a mando de instituição estadual. Queremos que as pessoas não acabem com a flora e fauna, pois nós temos muito gosto em preservar a área onde moramos. Nos lagos, tem gente que pega os peixes tanto no inverno como no verão, e nem tanto pro seu sustento, sim eles pegam pra estragarem. A madeira, que está em extinção, eu vejo pessoas que serram dentro do lago Jandiatuba, com mais de 8 motores que cerram de 30 a 40 dúzias de madeiras por dia. Isso os preocupa porque estão devastando a floresta, e nos preocupamos com os bichos de casco, que estão em extinção. Os caçadores pegam os bichos de casco grande e pequeno. As pessoas que trabalham no garimpo vêm de vários lugares do Amazonas e de outros Estados, tem até estrangeiros”. ALZIMAR NONATO DA SILVA, 48, CACIQUE DA COMUNIDADE SÃO RAIMUNDO DO UNIVERSO, 9 DE OUTUBRO DE 2014



Sítio arqueológico na comunidade de São Raimundo do Universo. Oficina de mapas, 08/10/2014

Fauna: o que temos

“Na nossa aldeia de São Raimundo do Universo tem vários animais como, macacos de cheiro, macaco prego, macaco paracu, macaco zogue-zogue, pássaros como mutum, cujubim, jacu, nambu, arara; também tem passarinhos como bico de brasa, tucano, bem-te-vi, cigana e outros; também, tem a caça, cutia, paca, veado, queixada, onça pintada, onça vermelha, cobras, como cascavel, surradeira, jiboia, e outras”. ANSELMO CHAPIANA DA SILVA, 47, PRESIDENTE DA COMUNIDADE SÃO RAIMUNDO DO UNIVERSO

Dragas no rio Jandiatuba

“Onde eu moro há vários lagos, como o Pinã, Pinã Velho, Pirabutão, Tartaruga, Pirapitinga, lago do Gabriel e o Tachi. Só pescamos no lago Pinã de onde tiramos nosso sustento. Há uma draga na frente do lago do Pinã. Para cima do rio Jandiatuba há muitas dragas causando impacto ambiental”. ALDAIZA RAMOS PATRÍCIO, 39, COMUNIDADE PINÃ

Edimilson de Souza, com o tambaqui, e, ao lado, Iran Macelo. No fundo: Regina Neves e seu vizinho, ao lado. Bairro Santa Terezinha

Nossas reivindicações: Pedimos urgência no processo de demarcação de terra

“Na comunidade moram 110 pessoas, e temos roça, plantações, engenho para fazer rapadura e açúcar mascavo. Queremos as terras dos kambeba demarcadas, porque preservamos o lago do Arayawe, com as comunidades Bom Jardim e Bom Jesus. Entramos com essas comunidades, para ter cuidado com o lago, onde tem vários tipos de peixes: o surubim, piau, sardinha, tambaqui e outros. Preci-





Palhas usadas como telhado das casas. Comunidade São Tomás. São Paulo de Olivença-AM, OKAS, 08/10/2014; produção de farinha, Comunidade São Tomás, Mutirão com famílias do bairro Santa Terezinha com as da comunidade São Tomás, São Paulo de Olivença-AM, OKAS, 08/10/2014; forno de assar alimentos: caça, peixe, biscoito, bolo, pão, Comunidade São Tomás, São Paulo de Olivença, OKAS, 08/10/2014 e apresentação do mapa de Santa Terezinha pelas representantes da OKAS, São Paulo de Olivença-AM, 09/10/2014

samos de extensão de terras adequadas para a plantação, porque vários tipos de árvores estão sumindo, e, hoje, não tem mais madeiras, só encontramos árvores finas, porque os madeireiros não deixam, e esta sumindo, e ate as palhas que nos tiramos, como caraná, para o comércio local e pra fazer nossas casas estão sumindo. Nós ficamos preocupados com isso, e nos preocupa a escassez de animais, que estão sumindo, porque os caçadores vão lá caça e, sem permissão”. AMARILDES GAIA DE SOUZA, 46, VICE-PRESIDENTE DA COMUNIDADE SÃO TOMÁS

O motor serra canta para todos os lagos.

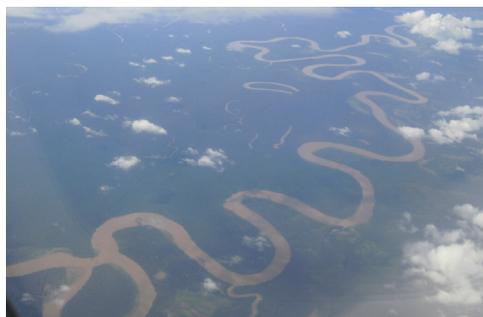
“Os invasores estão devastando demais a floresta, no lago do Piloto e no Rio Camatiã. O motor serra canta para todos os lagos. As estão em extinção como o louro, jacareúba, maçaranduba, o muratinzeiro, mulateiro, pau-de-rato, arapari outras que estão a sumir, e nos estamos sem madeiras, porque os serradores não deixam. Uns vão a noite e rouba as madeiras, eles entram pelo rio Tonantins, que fica em frente o Camatiã”. ARNOLDO RAMOS MAIA, 60, VICE-PRESIDENTE DA COMUNIDADE SÃO RAIMUNDO DO CAMATIÃ

Descaso no escoamento dos alimentos

“Na área urbana de São Paulo de Olivença, existem cerca de 3.500 kambeba, identificados pela OKAS. Como todas as famílias Kambeba, vivemos da agricultura, da roça e pesca. Em frente do município, na Ilha São Paulo e na Ilha do Purra, plantamos um pouco de tudo: macaxeira, mandioca, abacaxi, milho, açaí, pupunha, cará, goiaba, lima, laranja, banana e plantas medicinais. Há descaso no escoamento dos alimentos, sem incentivo. Não há incentivo na agricultura e por isso paramos de plantar, só plantamos para o consumo das famílias”. DIOMAR GARCIA DA SILVA, 72, VICE-PRESIDENTE DA OKAS



Bairro Santa Terezinha: famílias kambeba, São Paulo de Olivença-AM, 09/10/2014



Rio Jandiatuba, São Paulo de Olivença - AM, comunidades Kambeba Bacaba, Mata Cachorro e Pinã

a nossa comunidade, e, se nos não batalharmos com nossos direitos, a situação fica indesejada". RAIMUNDO BERNALDO LAURIANO, 44, AGENTE AMBIENTAL VOLUNTÁRIO, DA COMUNIDADE MATA CACHORRO

Quando eu cheguei aqui não tinha rua

"Quando eu cheguei aqui no bairro de Santa Terezinha não tinha ruas, e poucas famílias, só a família da minha sobrinha. Onde está a quadra Guararape, era um chavascal, tinha que colocar ponte para passar. Eu dei terra para meus filhos. Foram chegando mias famílias kambeba, vindo se todos os lugares, expulsos das suas terras, depois chegaram os Tikuna e Kaixana. Depois de 2002, o igarapé Ajaratuba começou a ficar poluído, com a chegada de moradores a suas margens, poluindo o igarapé". GERSON DA SILVA SABINO, 75, AGRICULTOR APOSENTADO, POVO KAMBEBA



Cacique Anibson apresenta o croqui da Comunidade Tupi II. São Paulo de Olivença-AM: OKAS, 09/10/2014

Temos muito medo das doenças que essas dragas podem trazer

"Nós nascemos no rio Jandiatuba, nessa comunidade, e, até hoje, estamos criando nossos filhos, também. Lutamos por demarcação de área contínua, para amenizar as degradações e as ameaças contra a fauna e flora, contra a extinção de quelônios, contra os caçadores vindos da cidade e contra pescadores vindos de outros municípios, que invadem os rios, traficando filhotes de sulamba. Por isso estamos lutando. A floresta está ameaçada por madeireiros que entram para cortar as árvores, e comercializar as madeiras. A gente sabe que é crime e fazemos parte do meio ambiente. O garimpo está afetando cinco comunidades, duas do povo Kambeba e três do povo Tikuna. Autorizaram a entrada dos garimpeiros sem nos comunicar. Entre dragas e balsas, somam vinte e duas máquinas. Esta área está em processo de demarcação. Já falamos dos problemas para os órgãos e ainda continuam os problemas. Nós temos muito medo das doenças que essas dragas do garimpo podem trazer

Plantamos e não tem como escoar

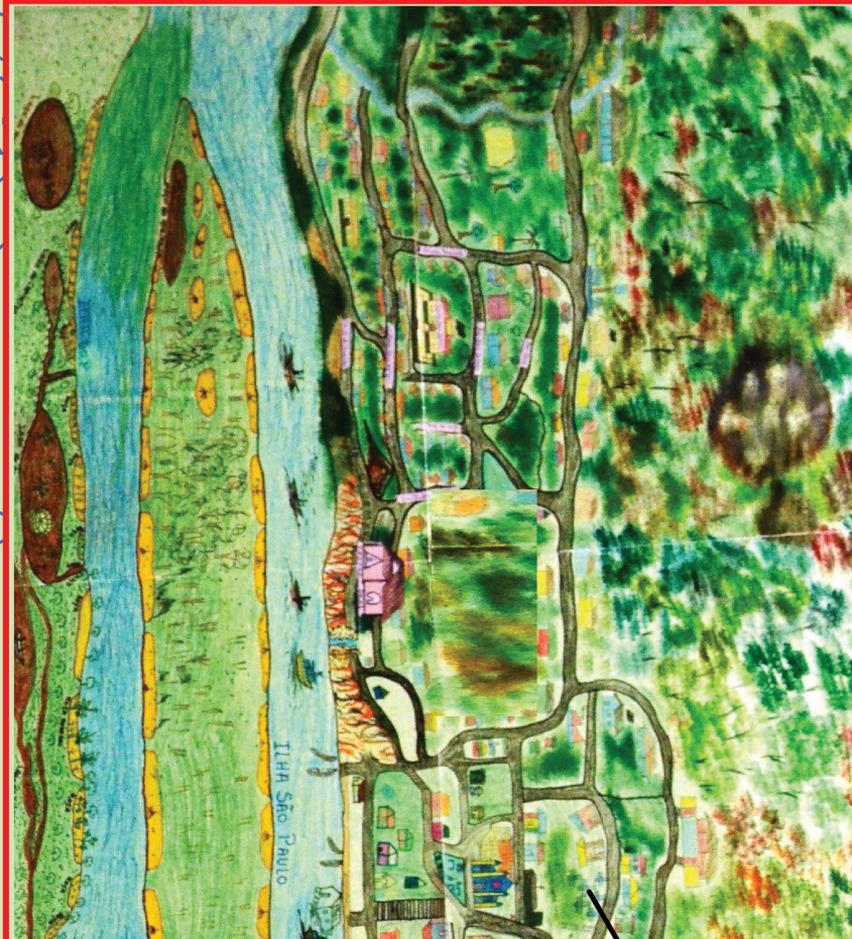
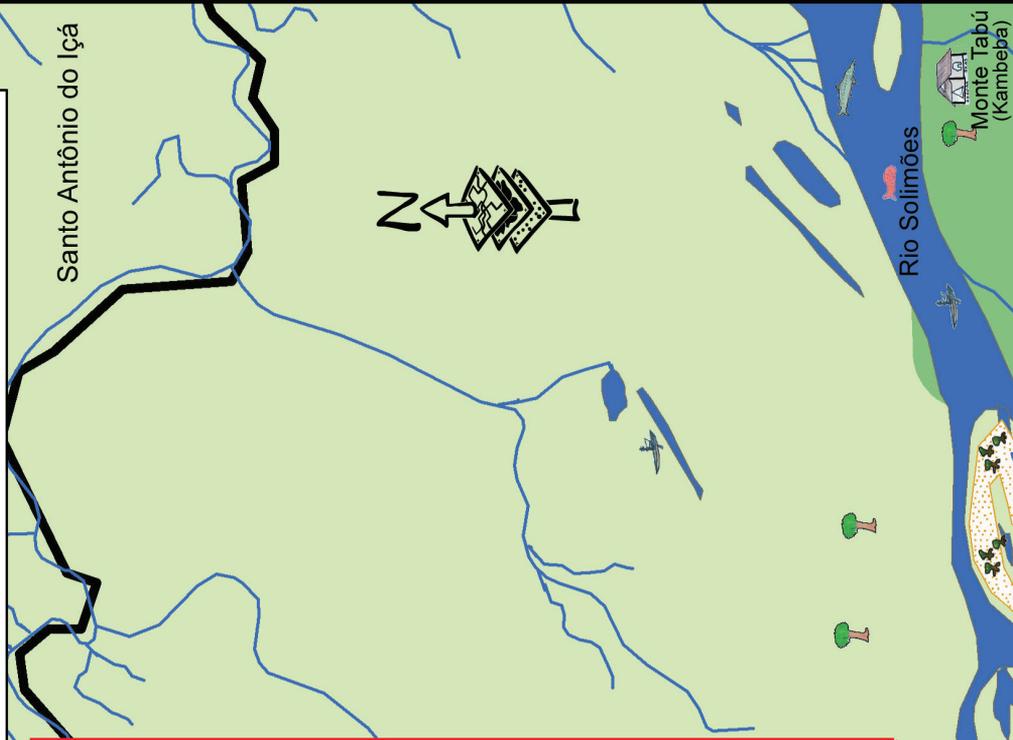
"A comunidade Tupi II fica perto da comunidade Porto Alegre, acima da comunidade Tauaru, no mesmo rio Solimões, do lado esquerdo do rio Solimões. A falta de escoamento dos produtos e, para não estragar a produção dividimos com as famílias, porque elas não tem uma fonte para gerar recurso, a não ser o dos lagos. Plantamos e não tem como escoar. No período da cheia um paraná, braço do rio Solimões, corta as comunidade Tupi I e Tupi II. No verão, as cacimbas secam. Os igarapés precisam de um tratamento. Falta recurso para encanar a água. As comunidades querem que o poder público olhe esse

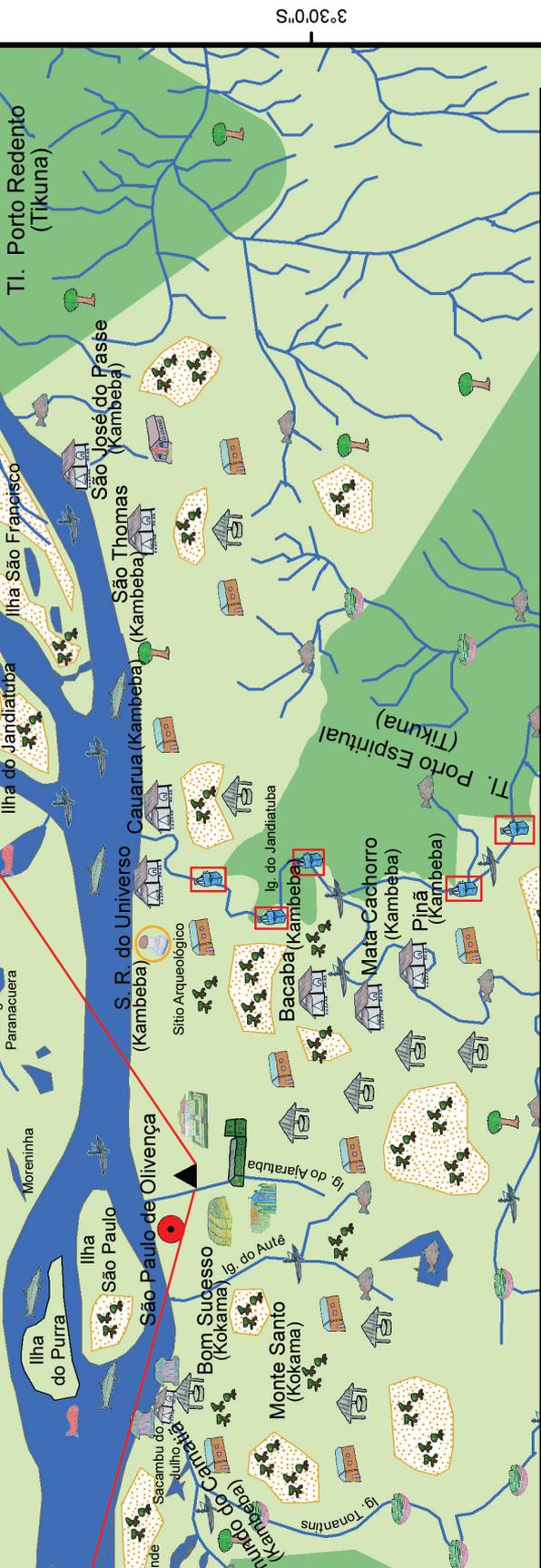
M.0.0.69

Projeto de São Paulo de Olivença - Amazonas

3°10'0"S

3°20'0"S





LEGENDA

	Rio e Igarapé		Sede Municipal		Área de Roça
	Local de Pesca		Comunidade Kambeba		Terra Indígena
	Peixe Miúdo		Bairro Santa Teresinha		Amazonas
	Peixe de Lago		Casa		Peru
	Peixe de Rio		Hospital		Colômbia
	Escola Ivan Balieiro		Igreja de São Thomas		Divisa Internacional
	Quadra Poliesportiva		Igreja Matriz		

69°0'0"W

Social da Amazônia

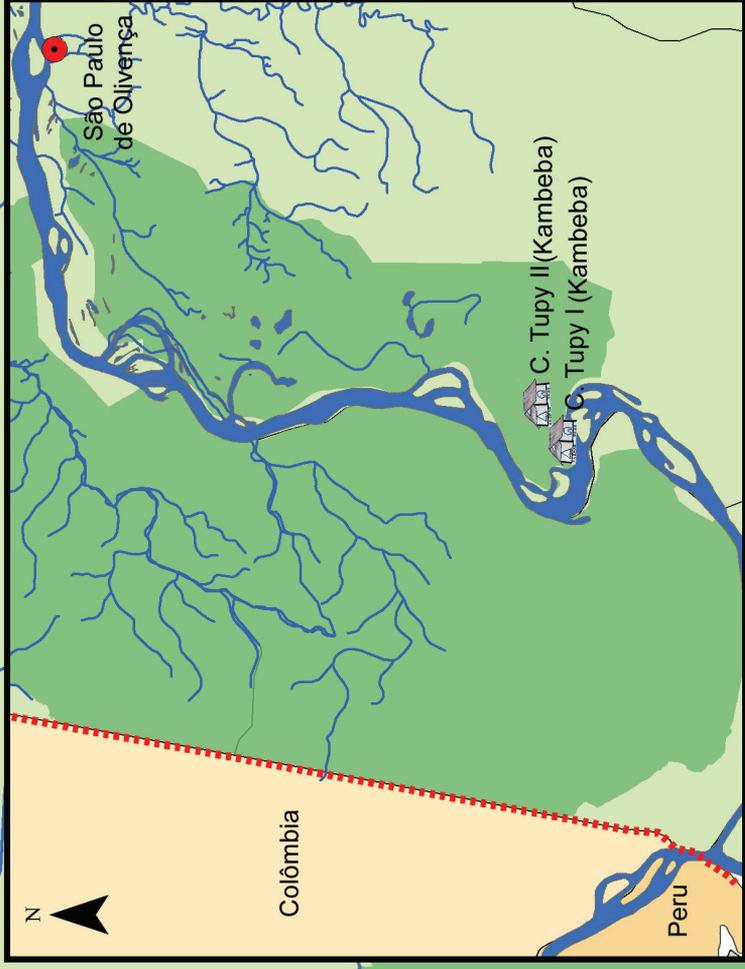
e a Devastação: Processo de Capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais

3°30'0"S

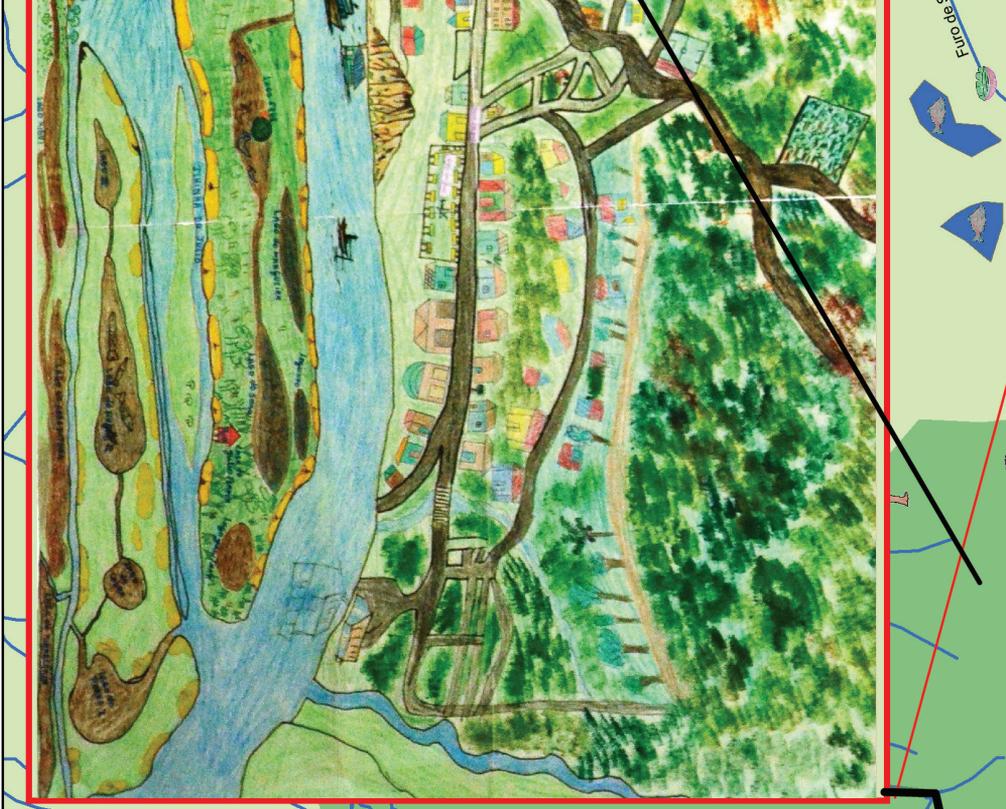
3°40'0"S

Mapa da Área Indígena Kambeba do Município

3°10'0"S



3°20'0"S



Tl. Évare I
(Tikuna)

São Paulo

Fundo



Projeto Nova Cartografia
Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento

problema, porque estamos a mercê por falta de recursos”. NIBSON GONÇALVES DA ROCHA, 33, PROFESSOR DA COMUNIDADE TUPI II

Da aldeia Kariwazal ao bairro Santa Terezinha



Senhor Julio Fermin e esposa Regina Neves de Souza

“Os primeiros habitantes, antes de ser bairro Santa Terezinha, daquela época, foram a senhora Eugenia Negreiros, Deldata e João Custódio, (conhecido como Mestre Elói), Roque Tourinho (conhecido como Nuzinho), Martins Tourinho, Manoel Pinto Ramos Paranã, Leopoldina Gomes da Silva e Gamela. Todos Kambeba e seus descendente estão espalhados em todo o município de SPO e, principalmente, no bairro Santa Terezinha, que antes era chamado de aldeia Kariwazal, que em Kambeba significa pessoas grandes, dignas de respeito, que possuem a mesma sabedoria dos brancos. Os kambeba, aqueles primeiros moradores, possuíam a pele parda e clara e tinham uma ampla sabedoria, comparada a dos brancos. Nesta área, atualmente, bairro, a língua predominante era a Kambeba, com sotaque pauliense. Frisamos também os que moravam no alto do morro do areal o Acendino e Olga, a Ervina e filhos Jacinto, Sabá, Eurides (que era Surda) e Belinha e o Pedro Barbosa e Raimunda. Depois do Morro do areal essa localidade recebia o nome de Foz do Ajaratuba onde residiam os seguintes moradores: Ananias que morava perto da beira do rio onde é hoje a residência do senhor Pedrinho Barroso, mais adiante morava a Lucila e Filhos Marcelino, Inez, Felicidade, a Emília Lucas e esposo Guilherme residiam onde hoje é o posto de saúde do Bairro. Observe que esse casal morreu, os dois, no mesmo dia. Em seguida, morava a Maria Lucas e a filha Nazaré Lucas onde é hoje a residência da Maria Timã, neta herdeira da mesma, logo adiante morava o Manuel Neves de Souza e esposa Maria Robertina da Silva e os filhos Mário Neves de Souza, Francisca Neves de Souza e Regina Neves de Souza (mãe da Eronilde de Souza Fermin e esposa do Julio Fermin) residiam onde hoje mora o Altamiro e no final da ponta da Foz do Ajaratuba como era conhecido esse lugar do morro para traz morava o Frederico Ramos e esposa Valentina Mafra ambos Comerciantes e seus vizinhos sendo a ultima casa na foz do Ajaratuba residia a Tila e esposo Roberto Mafra. Vale Frisar com toda convicção que esses viviam da agricultura e pesca, cultivadas por eles nas várzeas e em tempo de cheias dos rios esses se mudavam para as terras firmes e colinas altas e também viviam da coleta de frutas silvestres como açaí, bacaba, buriti, patawa, castanhas e outros. E também do extrativismo como o corte do látex do leite da seringa e madeiras para o sustento familiar e extração da matéria prima retirada da floresta, para produção de utensílios para o uso do dia a dia de trabalhos agrícolas, pescas e domésticos como o cipós, talos, barros, tintas naturais, argilas, para construção das cerâmicas, canoas, remos, peneiros, aturas, redes de fio de tucum, esteiras, tipitis e artesanatos entre outros objetos. Nessa época a água era retirada de cacimbas um tipo de caixa de água e do Igarapé Ajaratuba, não havia energia elétrica e também não tinha rua apenas um caminho, não tinha escola e nem posto de saúde. Eram utilizados para cura as plantas medicinais retiradas das florestas, ministradas pelos pajés, as parteiras, benzedores e demais costumes desse povo. As casas eram todas cobertas de palhas de cauçu, karanã e ubim, e eram cercadas de paxiubas(um tipo de palmeira que era batida para a utilização). Nesta época, na casa da Leopoldina Gomes da Silva, festejavam as danças tradicionais como mandu sarará, ritual da piracema, dança do wakara (garça), valsa e xote dos kambebas, dança do tayaçu (que significa queixada,

porco do mato), e tinha duração de três a quatro dias; no último dia de festa, era feita a varrição com a dança das panelas e a participação do jurupary, vindo da floresta, com sua presença bondosa abençoar o ritual do nascimento (cabeça chata, isto é, ao nascer uma criança, era a cabeça era prensada com uma prancha, feita de bambu, para deformação do crânio da criança); no ritual, eram tomadas as bebidas típicas caçuma, pororoca, pajuaru, aluá e outros tipos. Nesse tempo,



Primeira Igreja em São Paulo de Olivença-AM. Os Kambeba saíam das Aldeias, na cidade, para rezar

não havia prefeito, e o povo era comandado por um senhor, chamado por todos de Tuxawa, o maior líder de todos, respeitado, e a seu nome ninguém teve acesso. Depois de algum tempo, o mesmo se hospedou na residência da senhora Leopoldina. Todos moradores mantinham seus costumes e tradição, baseada na cultura tradicional kambeba, herdada de pai para filhos. Os filhos dos casais só levavam os sobrenomes do pai, a mãe não tinha esse direito. Os Kambeba fabricavam roupas, botinas e bolsas da matéria prima de algodão batido e látex da seringa. Os viajantes levaram os conhecimentos dessa técnica para outros lugares e patentearam. Com a notícia da utilização da borracha, houve um

surto, vindos nordestinos, negros e estrangeiros, e famílias da zona rural, a partir de 1905, com a intenção de ficarem ricos, pois se falava que, nesse lugar, tinha uma planta que produzia dinheiro, e o boato se espalhou e falavam que no Amazonas se juntavam dinheiro em cambito (gancho). Desse modo alterou toda a vivência do povo tradicional desse lugar. Esse local, também, foi tomado pela guerra mundial, além de conflitos, e a pior de todas, as pestes, o mal da bexiga, a varicela. Os doentes eram deitados em folhas de bananeiras, para suportar a dor. Esse mal matou a maioria dos Kambeba, que se espalharam com medo da doença, deixando esse lugar (atual bairro) quase vazio. Os que escaparam da doença retornaram, depois de algum tempo, e já encontraram resistência, pois o lugar foi ocupado por outros donos. Assim, os moradores que passaram a habitar esse lugar foram: Prudêncio Ondion (vindo da cidade do Manacari), o senhor Darillo e a senhora Nazaré vieram do Ceará, o Quintino Martins, Benedito Aparício, Cristovão Mafra, Alberto Ramires, Cícero Felix (que casou com a Corinta e Solidade, peruana), o Luiz Chavier, Profíria (conhecida como Guta, esposa do Quintino Aparício), Procópio Baiano, Elízia e Manuel Lino (kambeba, os primeiros que vieram da zona rural, da área do rio Jandiatuba); também, veio, nesse meio tempo, para São Paulo de Olivença, os Cucamas (com a influência da igreja cruzada de Jesus Cristo, ministrada pelo senhor, chamado irmão Jose da Cruz, do Território do Peru) e se alojaram no lugar denominado Colônia São Sebastião e nos arredores. Vale dizer que esses lugares, antes, eram habitados pelo povo Kambeba, que, com os acontecimentos, tiveram que fugir. A prova ainda está nos sítios arqueológicos, que ficaram na área de São Joaquim a Colônia São Sebastião. O costume Kambeba, o de enterrar seus mortos, era deste modo, em potes e igaçabas, conhecidos por eles como camutim, instrumentos feitos por eles e usados no ritual do enterro. Depois de alguns anos, Prudêncio Ondion foi nomeado prefeito e, por ser católico, e sem consulta aos povos tradicionais, trocou o nome do lugar para Santa Terezinha, e construiu uma capela. Usando a mão de obra dos próprios moradores, mandou limpar o lugar e construir uma rua de calçadas, chamando de Dez de Novembro. Nesse tempo, foi construída a primeira escola, localizada na beira mar, como era chamado a área da atual feira, e que, hoje, fica a casa do Sr Ditimar Barreira Gomes. A escola recebeu o nome de José de Anchieta, coberta de palha e cercada de paxiuba; era comandada pela Raimunda da Cruz, dona Dica. Na década de 1960, foi construída outra escola, coberta de zinco e cercada de madeira, Escola José de Alencar, na rua Dez de Novembro". HISTÓRIA CONTADA POR JULIO FERMIN KAMBEBA, 83, MORADOR TRADICIONAL DO BAIRRO SANTA TEREZINHA. ENTREVISTA FEITA POR ERONILDE FERMIN. SÃO PAULO DE OLIVENÇA-AM: OKAS,09/10/2014

Danças e culturas

“A dança do Wacará é um ritual da piracema, é a dança da fartura, dos pássaros que se juntam, na beira do rio, para pegar peixe; é em forma de círculo e em fileira, como um voo dos pássaros, que mergulham e voam, com o peixe no bico, como se estivesse pescado. A dança do Tayaçu (que significa porco) é a dança da queixada, praticada com músicas e dura dois dias; nessa dança, tem os mordomos, guardas bem vestidos e que cuidam dos jovens, para não brigarem, mas, se aqueles que forem pegos namorando, ou conversando, sem permissão dos pais, são castigados pelos juízes e pelos mordomos da festa; eles são levados e amarrados ao tronco do mastro até o



Dança “Os guerreiros da noite”, feita pelos Kambeba. São Paulo de Olivença-AM: OKAS, 09/10/2014



Dança do Guarikaia e do Jurupari, realizada pelos Kambeba em São Paulo de Olivença. Foto tirada por Eronilde Fermin. 09/10/2014

amanhecer. Esse costume ainda é utilizado hoje nas tirações dos mastros dos santos da religião católica. A dança do Mandu Sarará Guaricaya (espírito que o pajé invoca) é o canto forte da flauta, que assume uma feição assustadora, comparada a de um ser maligno, perigoso, ou seja, o próprio diabo que assusta mulheres e crianças e castiga os homens, para se tornarem fortes e guerreiros. A dança do Sarakwera, dança do mascarado, dança do africano, que é a tradicional, mantida até os dias de hoje, dança principal dos kambeba de São Paulo de Olivença, representa o povo e sua criação de xirimabos, animais da floresta domesticados. A dança do Xote e Valsa dos Kambeba, dança da borboleta (panapana), em tempos de colheitas. A dança do Urubu, representando os dejetos de alimentos ou de caças. O ritual do nascimento das crianças de deformação da cabeça (conhecido como ritual kanga pewa, que significa cabeça chata). As músicas são cantadas pelos idosos na língua materna kambeba que é a língua desse povo, os instrumentos musicais usados em seus rituais são tamborim, maracá e flauta (feita de bambu). Todos, nessa cultura, praticam as danças, idosos, jovens e crianças”.

ALRINO RABELO, 75, MORADOR TRADICIONAL DE SANTA TEREZINHA

Demarcação de terras

“A Organização dos Kambeba de São Paulo de Olivença se articula a partir do bairro Santa Terezinha, onde as principais lideranças residem. Lutando por direitos dos povos indígenas, visa a inclusão social dos Kambeba, desde 3 de março de 2009, com a formação da coordenação: Jaime Teixeira Àrevalo (presidente), Raimundo Perez (vice-presidente), Adamor Carvalho (conselheiro). A partir da forma tradicional de escolha, eu fui designada cacique geral pelo povo seguindo a linhagem do senhor Marcos Ferreira Maia, que seguiu a linhagem e tradição familiar de liderança tradicionais de cacicado paulivense omagua kambeba. Neste bairro concentra-se a maioria dos kambeba, com uma estimativa de 400 famílias. A atual organização é formada por Maria Zenaide Silva da Silva (presidenta), Diomar Garcia da Silva (vice-presidente). As lideranças das comunidade rurais estão formadas da seguinte maneira: São Raimundo do Universo (cacique Alzimar Nonato da Silva), São Tomás (cacique Jesildo Aguiar), São Raimundo do Camatiã (cacique Raimundo Muraiare Ramos), Cawaruá (cacique An-

tonio da Braga Silva), Monte Tabor (cacique Euclides da Costa), PINÃ Jandiatuba (cacique Jorge Aparício), Babaca-Jandiatuba (cacique Raimundo Bernaldo) Mata Cachorro-Jandiatuba (cacique Raimundo Bernaldo Laureano), Castanhal do Ajaratuba (área de preservação da sede, aos cuidados do senhor Julio Fermin), Santa Rita do Weill (cacique Álvaro Romaina) e Tupi (em fase de auto-identificação). Vale diz que todas essas organizações sofrem discriminação, por parte da instituição indigenista local, e resistência na luta pela demarcação de suas terras, quando buscam seus direitos junto a esse órgão, ou na busca dos direitos sociais e outros. Ressaltamos que suas terras já estão reconhecidas pela Funai de Brasília, com o nome Tuyka I e II. No processo, o povo da sede faz suas plantações nas seguintes áreas Ilha São Paulo: Ilha do Purra, várzea da margem esquerda e atrás da sede do município, e nas áreas da estrada do bairro do Bonfim, lugar denominado Aracu e onça nas proximidades do aeroporto, na estrada do Ajaratuba e em outras localidades. Os kambeba utilizam os lagos e florestas para o sustento familiar”. ERONILDE DE SOUZA FERMIN, 41, CACIQUE DOS KAMBEBA

Educação indígena

“São cinco Escolas cadastradas no senso escolar e duas em fase de reconhecimento, localizadas na comunidade do Tupy II, com o nome escola são Sebastião, a margem do rio Solimões, e outra situada no bairro Santa Terezinha, a qual recebe o nome de escola Professor Ivan Balieiro Saraiva, construída em alvenaria com cinco salas de aulas e as dependências como cozinha, banheiros, secretaria, e sala dos professores, atendendo as modalidades de ensino de educação infantil, ensino fundamental, series iniciais e educação de jovens e adultos. Promove festival da onça vermelha e pintada, numa educação de valores culturais. Esta escola funciona manhã, intermediário, tarde e noite, devido a falta de escola para o nosso povo. Enfatizamos que vai ser construída uma nova escola para atender nosso povo, com nome Kunhã Puranga, resultado das reivindicações do povo kambeba”. GLERLEI MARIANO DA SILVA, 35, PROFESSOR KAMBEBA



Lixão em Santa Terezinha

“O lixo tem sido uma preocupação para os moradores deste local, depois da terra caída, que afetou parte da rua Dez de Novembro. Esse fator vai afetar a nova geração, porque afeta o rio Solimões, fonte de alimentação. Em 2009 ocorreu um deslizamento de terras, afetando parte dos moradores, de Santa Terezinha ao Bairro Jose Carlos Mestrinho (conhecido como Bairro Novo), causando muitas vítimas. A maioria dessas pessoas foi indenizada pela prefeitura, recuperando aos poucos o que perdeu. A defesa civil obteve informações de que muitas outras casas que não havia sido afetadas, mas que estavam em área de risco, também, e seus moradores, pensando em reconstruírem suas vidas longe do desabamento de terras, foram para outros lugares, dentro do município, para casa de parentes, e os moradores de uma parte da rua Dez de



Lixo na entrada do bairro Santa Terezinha, bairro dos povos indígenas, São Paulo de Olivença-AM, OKAS, 09/10/2014 e escola diferenciada dos Kambeba, OKAS, São Paulo de Olivença, AM, Comunidade São Tomás

Novembro afetada, isto é, a maioria se mudou deixando a área inabitada. Após algumas semanas, ocorrem mais deslizamentos de terras, fazendo com que as casas e ruas se partissem ao meio. Passados alguns meses, a parte que ficou danificada pela a erosão começou a receber muitos lixos de diversos lugares da cidade, como bateria, garrafas, sacolas, latas, resto de comidas, animais mortos e outros, fazendo deste lugar um lixão total. Essa área de lixo faz ligação com a margem da foz de um igarapé poluído, através de uma ponte improvisada de madeira, à margem do rio Solimões. O lixo está causando várias doenças, transmitidas por ratos, baratas, moscas e urubus. Este lixo está poluindo a cidade e a natureza. O rio citado recebe todos esses dejetos e resíduos de chorume, contaminando a água e os peixes, e prejudicando a saúde dos moradores e esse lixão, além de tirar toda beleza desse lugar. Pedimos a colaboração de todos, dos políticos, autoridades competentes, para ajudar acabar com todos os lixões da cidade, principalmente o da entrada de Santa Terezinha, devolvendo para nós um lugar próspero e um ambiente mais agradável a todos".
MARIANE DA SILVA PERES, 15, ESTUDANTE KAMBEBÁ

Saúde: nossas comunidades não são assistidas

"Minha maior angústia é ver o povo Kambeba ser discriminado na saúde indígena, tanto os das comunidades, quanto os que moram no bairro Santa Terezinha. Foram feitos vários cadastros no na SESAI, para atendimento, mas até os dias atuais ainda não houve respostas dos funcionários. Estamos decepcionadas com o conselho indígena, que só vive trocando os funcionários e não dá oportunidade para o povo Kambeba. Nossas comunidades não são assistidas e sofrem muito preconceitos, quando vão até o polo base da sede, para pedir ou buscar informações. O que mais me incomoda é saber que as autoridades não fazem nada para resolver essa situação. Já foram feitos vários documentos, informando da situação, e não foi resolvido. Meu grande anseio é ver meu povo conquistar seu espaço. Lutamos, incansavelmente, para ver as coisas darem certas". MARIA ZENAIDE SILVA DA SILVA, PRESIDENTE DA OKAS

Sítio arqueológico Morro do Areal

"A Terra Indígena, no bairro Santa Terezinha, tem uma área aproximada a 2.000 m² Ergue-se numa colina de 65 metros do nível do rio Solimões. Essa área foi registrada como patrimônio histórico Kambeba, no ano de 1999, reconhecida pela Funai de Brasília em 2008, em conformidade com os artigos 17 e 18 da Convenção nº 169/OIT. A nossa economia está voltada para a agricultura de subsistência, pesca, caça, extrativismo e coletas de frutos silvestres e alguns comércios. As famílias sempre habitaram este local e participam das transformações no decorrer dos tempos. Esta área, em parte, apresenta risco de vida aos moradores, devido a erosão causada pela retirada da matéria prima (areia) por moradores paulenses, utilizada na construção civil. Os moradores o senhor Julio Fermin relata que esse morro era extenso e os nativos que habitavam eram descendentes de Kambeba e Mura. Nesse morro moravam somente quatro famílias, e, nele, existia um caminho que ligava uma ponta a outra, e, com o tempo, recebeu o nome de rua Dez de Novembro. Neste local, eram enterradas pessoas, vítimas de doenças infecciosas, como varicela, conhecida como mal da bexiga, e era, antes, o corpo era alojado nas igaçabas, espécie de urnas funerárias. Até hoje existem vestígios que comprovam este fato. Esse local possuía uma árvore bem alta chamada de tanimbuka e muitas castanheiras antigas, sapotas, cafezal, açazeiros, aba-



Urna encontrada no cemitério São Miguel, na cidade de São Paulo de Olivença-AM, OKAS, 09/10/2014



Balneário do Ajaratuba, ameaçado pelo crescimento demográfico próximo do igarapé, São Paulo de Olivença-AM, 09/10/2014; quadra de esporte Guararape, bairro de Santa Terezinha, funciona como local de encontros e festivais das escolas e dos Kambeba e de outros povos, São Paulo de Olivença-AM, 09/10/2014; apresentação dos croquis das áreas indígenas Kambeba, São Paulo de Olivença-AM, 09/10/2014 e Igarapé do Ajaratuba, contaminado pelo lixo e dejetos, suas matas ciliares forma destruídas, São Paulo de Olivença, OKAS, 09/10/2014

cateiros, maracujá, cupuaçu, entre outras plantas. Na parte baixa do morro, havia uma cacimba, utilizada pelos moradores, na forma de caixa d'água, utilizando a sua água de diversas maneiras. O local, também, servia de ponto de observação dos moradores das embarcações que ali navegavam. Nesta área, estão restos mortais dos primeiros moradores kambeba, cacos de cerâmicas, que comprovam a realidade. Consideramos esta área um sítio, um aterrado onde encontramos artefatos de gerações seculares, expostos à superfície, e onde as famílias Kambeba (na sua maioria), Kaixanas, Kokama e Tikuna residem. As cerâmicas, ali encontradas, são urnas funerárias, que eram peças duplas, encaixadas uma sobre as outras que serviam para guarda alimentos, no tempo de guerra, essas era toda enterrada. Nos pedaços de cerâmica, há vários tipos de grafismo, encontrados na superfície do terreno". JESUS BRAGA, COORDENADOR DA OKAS/OKOPAM

O igarapé Ajaratuba, antigo balneário, em processo de destruição

"Ajaratuba possuía uma hidrografia bastante volumosa, no passada, e tinha uma extensão elevada, segundo memórias vivas mais antigas. Esse igarapé era lugar de onças, e quase ninguém se aproximava do mesmo, e tinham muitos tipos de caça, como paca, tatu, cutia, queixada, catitu, antas, macacos de todas as espécies, muitos pássaros, como tucano, alencó, mutum, pato selvagem. Tinha biodiversidade rica. Tinham várias espécies de peixes, como matrixã, pacu, sardinha, acará de todas as espécies, traíra, piau, jatuarana, jacundar, tucunaré, mandin, tabaqui, pirapitinga etc. Eu, na adolescência, cheguei a pescar esses peixes, nesta área, há tempos. Os locais de banho e de lazer da população, na sua maioria povos indígenas paulivenses, eram o Ajaratuba do Soldado, Ajaratuba da Tia Helena, Ajaratuba do Quirino, Ajaratuba do Luquinha, Ajaratuba do Maduquinha e o Ajaratubinha do Cabral (este é o atual balneário, que está comprometido e que abasteci a cidade). O processo de urbanização desordenado fez com que essa riqueza desaparecesse, esse igarapé já está assoreado e poluído, e suas matas ciliares estão devastadas, com residências construídas às margens". JESUS BRAGA, COORDENADOR DA OKAS/OKOPAM

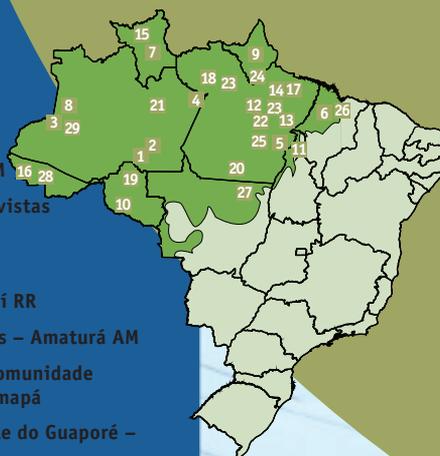


PROJETO

Mapeamento Social

OKAS/OKOPAM

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracará RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curalinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT
- 21 Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM
- 22 Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA
- 23 Comunidades Quilombolas de Passagem e Peafú – Santarém e Monte Alegre PA
- 24 Extrativistas da RESEX rio Cajari em ação – Amapá
- 25 Aldeia indígena Akrätikatêjê – Pará
- 26 Quilombolas de Viana e Pedro do Rosário – Bornéu MA
- 27 Identidade e Território do Povo Indígena Xerente do Araguaia – Mato Grosso
- 28 Índios “isolados” na terra indígena Kaxinawá do rio Humaitá – Tarauacá AC
- 29 Movimento Kambeba: a resistência ao longo do tempo – São Paulo de Olivença AM



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-314-5



9 788578 833145



BNDES



OKAS/OKOPAM



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

